

E-PARÓDIA COMO MÉTODO DE CONTESTAÇÃO INTERDISCURSIVA¹

Uma análise do humor político na Desciclopédia

Telma Sueli Pinto Johnson²

Resumo: Este trabalho explora a relação entre Internet e participação política. O modelo deliberativo de democracia que adota a participação política como discussão política entre cidadãos que “pensam igual” e que “pensam diferente” é resgatado para uma reflexão da performance do humor político na Comunicação Mediada por Computador (CMC). O conceito de esfera pública radical de Dahlberg é operacionalizado na análise da forma de contestação interdiscursiva do site Desciclopédia, paródia da enciclopédia online Wikipedia.

Palavras-chave: 1. Internet 2. Participação política 3. Paródia

1. Introdução

Há uma literatura crescente, desde a virada para o século XXI, sobre a possibilidade de uma revivificação da esfera pública em função do surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação, especialmente a Internet. Os debates sobre o potencial das tecnologias de comunicação para transformar a democracia, apesar de aparentemente recentes, na verdade retomam antigas ondas de descrença e entusiasmo que ocorreram do telégrafo aos satélites, como bem notou Dahlberg (2001).

No centro dos debates contemporâneos está a questão da crise da esfera pública, identificada por acadêmicos, políticos e pela sociedade civil. De um lado, entusiastas acreditam nos efeitos democráticos da Internet e de tecnologias relacionadas, em particular pelo potencial da interatividade, livre acesso, e superação de barreiras de tempo e espaço. Do outro lado, estão os céticos que frequentemente trazem à discussão a fragmentação da comunicação online, a baixa qualidade da deliberação política e a abertura para a proliferação de radicalismos e discursos antidemocráticos.

A proposta deste trabalho é discutir algumas das questões centrais envolvendo a participação política na Internet a partir do modelo de democracia deliberativo de democracia que adota a participação política como discussão política e como importante manifestação de pluralidade democrática. O pressuposto aqui é que para avançarmos para além dos debates permeados por certo determinismo tecnológico, como se fosse possível um só fator ser motivo de mudança positiva ou desestabilização política e social, o melhor caminho é buscar a compreensão dos padrões e regularidades das estruturas e interações comunicativas de micro-contextos de participação política existentes online.

Esse fazer político deve ser visto como um processo. É natural que se recorra aos fechamentos de sentido e da significação para se entender noções e conceitos em voga construídos historicamente. Mas há que se entender que há sempre rupturas nesse fechamento que levam a novas (in) determinações. É o caso de olharmos inicialmente

¹ Trabalho apresentado no II Simpósio d Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), São Paulo, SP, em novembro de 2008.

² Doutoranda em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora do Grupo de Pesquisas Imagem e Sociabilidade (GRIS)/UFMG, bolsista da Capes.

para o tratamento da participação política em três teorias de democracia, como propostos por Teorell (2006), para então avançarmos para um esforço de compreensão empírica das oportunidades e desafios da democracia na Internet.

2. As concepções de participação política

Quando se fala de “participação política”, é preciso que seja analisada a concepção de modelo normativo de democracia que está sendo utilizado. Teorell (2006) relaciona como a noção de participação política é tratada em três modelos de democracia: 1) o modelo de participação como tentativa de influenciar, 2) o modelo de participação como tomada de decisão direta e, 3) o modelo de participação como discussão política.

Os três modelos, embora não sejam excludentes, problematizam diferentes questões e propõem diferentes linhas de investigação para a pesquisa empírica sobre a participação política. Da mesma forma, eles diferem sobre as expectativas de conseqüências particulares da participação política. Os modelos serão brevemente explicados, em seguida, para então tratarmos com maior detalhe como o modelo de participação política como discussão política demonstra poder ser mais bem aplicado nos estudos atuais sobre a democracia na Internet.

De acordo com o inventário de pesquisa feito por Teorell (2006), a concepção de participação como tentativa dos cidadãos privados de influenciar o governo é baseada em dois grandes estudos comparativos internacionais de participação feitos nos anos de 1970 e 1990 na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. A contribuição maior desse modelo, comparado a conceitualizações anteriores fracas e elitistas de participação³, é adicionar uma outra característica à participação política, isto é, a busca por um sistema de governo responsivo às preferências e necessidades dos cidadãos.

Esse modelo é ainda elitista, de acordo com Teorell, porque a participação ainda é considerada como uma ação indireta diante dos resultados da política. Além disso, ele cita que o modelo é problemático pelo fato de que poucos estudos empíricos tenham sido feitos para avaliar os efeitos da responsividade. Uma possível explicação para isso, segundo Teorell, é a ampla abertura no nível conceitual que foi dada às diferentes formas de responsividade dos governos.

Eles podem ser responsivos em termos de conhecer o que os cidadãos querem, em termos de concordar com essas prioridades, em termos de fazer um esforço para lidar com essas prioridades, ou em ser bem-sucedidos lidando com essas prioridades [...] Dessa perspectiva de teoria democrática normativa, contudo, eu argumentaria que o quarto significado é o que realmente importa. Os três primeiros significados podem ser considerados como importantes condições – em alguns casos até necessárias – para fazer emergir a responsividade neste último aspecto. Todas as coisas consideradas, contudo, um sistema democrático mal deveria ser considerado responsivo se nunca lida de forma bem-sucedida com as prioridades de seus cidadãos (TEORELL, 2006, p. 794).

³ Em algumas dessas versões elitistas, citadas mas não exploradas detalhadamente neste estudo de Teorell, o papel do cidadão é limitado ao ato de votar e suas preferências são somente expressas indiretamente através de um sistema de representação. Esses teóricos consideram ainda que essas preferências sejam exógenas para o processo democrático em si (ver Teorell, 2006, p. 788).

O segundo modelo de participação, também chamado de “modelo participatório de democracia”, é caracterizado por Teorell como o envolvimento direto e imediato no processo de tomada de decisão pelos indivíduos concernidos. Pateman (1970 *apud* Teorell, 2006, p. 794), argumenta que nesse modelo o máximo de participação (*input*) é exigido e os resultados (*output*) incluem não apenas programas políticos justos (decisões), mas também o desenvolvimento de capacidades políticas e sociais de cada indivíduo, dessa forma há “feedback” do *output* para o *input*.

O critério consequencialista principal desse modelo envolve a auto-realização ou autodesenvolvimento do cidadão e é onde reside o seu lado problemático até agora. Segundo Teorell (2006), há pouca evidência de pesquisas empíricas de que a tomada de decisão direta cria o autodesenvolvimento dos cidadãos. Os teóricos da participação compartilham a idéia de que há um potencial não completamente desenvolvido no *self* humano que pode ser transformado ou mesmo aperfeiçoado através da participação política. Essa é uma questão que precisa ser melhor problematizada pelos teóricos da participação e estudos de caso e experimentos combinados seriam as melhores formas de colocar sob teste essas proposições.

O terceiro modelo considerado por Teorell, o “modelo deliberativo de democracia”, avança bastante quanto à concepção das versões elitistas e liberacionistas ao argumentar sobre o que deve ser levado em conta como deliberação. “Uma vez que participação é se engajar em algum tipo de esforço coletivo, definir deliberação como discussão é mais adequado como um conceito de participação”, afirma Teorell (2006, p. 791).

Os democratas deliberativos apresentam vários argumentos voltados para os resultados a serem esperados das discussões, entre eles que a discussão leva a uma opinião pública mais bem informada, que a discussão política pode fazer com que os contestadores num argumento modifiquem a sua opinião e superem divergências e que a deliberação confere legitimidade nos procedimentos e resultados democráticos. Os democratas deliberativos defendem que a importância do processo deliberativo é a discussão política e os argumentos envolvidos na discussão, ouvidos e avaliados pelos cidadãos envolvidos no embate.

3. A democracia deliberativa na Internet

A noção de participação política desenvolvida pelo modelo de democracia deliberativa apresenta várias possibilidades de aplicação, desde que adaptado, para a compreensão das novas formas de organização política e social nos espaços online. Um estudo sobre a comunicação política online chama, necessariamente, para o conceito de esfera pública, inicialmente formulado por Habermas (1962), que, em linhas gerais, observa que a esfera pública pode ser representada figurativamente como um espaço simbólico dentro do qual há a circulação de informação, a troca de opiniões e a formação da vontade política.

Se considerarmos essas premissas iniciais de formação da esfera pública, e mesmo de novas esferas públicas, é possível dizer que a Internet oferece pré-condições tecnológicas para a formação de novas esferas públicas pautadas pela participação política como novos fóruns de discussão política. A Internet é uma fonte de informação, pelo menos potencialmente, onde os cidadãos podem ser informados sobre questões políticas. A Internet é um meio de comunicação, porque ela permite diferentes modos de participação política tanto em interações comunicativas síncronas como assíncronas. E a Internet tem o potencial de se desenvolver como uma esfera pública virtual pela

possibilidade de surgimento de vários desenhos de comunidades online interessadas em discutir os seus direitos como cidadãos e participar da deliberação política online.

Gomes (2005) afirma que a Internet pode fazer muito pela participação política e nota que os estudos críticos sobre a democracia online não se referem às potencialidades tecnológicas do meio até porque a tecnologia sozinha não pode fazer nada, afinal por trás dela estão agentes sociais.

Parte da crítica [...] tem como endereço certo um sistema de representações empolgadas sobre a Internet, que elevou à última potência as características positivas sem se importar em oferecer apoios concretos às suas assunções. Em suma, o adversário em geral é menos a Internet e mais a retórica sobre a internet e os imaginários *ciberentusiasmados* que prosperam na academia e no jornalismo (GOMES, 2005, p. 28).

De acordo com Gomes (2005), a literatura sobre Internet e participação política pode ser sistematizada em blocos temáticos sobre as vantagens e desvantagens democráticas. O Quadro 1 resume a classificação do autor.

Quadro 1

Vantagens	Desvantagens
Superação de limites de tempo e espaço	Informação política pouco qualificada
Alto estoque de informações online	Desigualdade de acesso
Comodidade, conveniência, custo	Falta de cultura política
Facilidade e extensão de acesso	Meios de massa predominam
Sem filtros nem controles	Sistema político continua fechado
Interatividade e interação	<i>Hate speech</i> e anonimato
Vozes minoritárias/excluídas	Panótico e ciber-ameaça

O diagnóstico de Gomes (2005) coincide com a interpretação de outros teóricos e pesquisadores que vêm se dedicando, nos últimos anos, a contribuir para um debate que supere a dicotomia sobre as possibilidades ou não de a Internet expandir a esfera pública. Esses estudiosos trabalham em direção a uma maior compreensão da participação política como discussão política e em defesa de mais estudos empíricos sobre os reais usos dos agentes sociais engajados na deliberação online.

Dahlberg (2007) propõe uma nova direção para a concepção de esfera pública para dar conta das novas complexidades da participação política na Internet. Segundo ele, o conceito de esfera pública precisa ser repensado para levar em consideração as relações de poder dentro dos processos deliberativos, a base intersubjetiva do significado e da racionalidade, o respeito pela diferença e o papel democrático dos grupos deliberativos que “pensam igual” (“like-minded” groups).

A crítica de Dahlberg está diretamente relacionada ao debate polarizado sobre a fragmentação da comunicação online que tem marcado, nos últimos anos, a pesquisa sobre democracia na Internet. Os dois lados do debate têm se preocupado em defender ou atacar a possibilidade da realização de uma esfera pública deliberativa online tomando Habermas (1962, 1984, 1996) como ponto de partida. Embora divergentes, os dois lados do debate fazem uma leitura particular da obra de Habermas, dentro de um modelo racionalista-liberal orientado para o consenso de democracia deliberativa e da

esfera pública. A diferença, nessa leitura, é um problema e uma ameaça para a formação da opinião pública e para a estabilidade social.

Nesse debate, de um lado, está o argumento de que a Internet provoca a fragmentação da esfera pública porque a interação online simplesmente envolve indivíduos que “pensam igual” (“like-minded” groups), criando enclaves deliberativos isolados onde as posições e práticas de grupo são reforçadas em vez de abertamente criticadas. De outro lado, está o argumento de que a Internet expande a esfera pública porque os participantes online estão abertos e buscam deliberar com atores que têm pontos de vista diferentes. As diferentes visões de mundo estão na realidade, de acordo com este último argumento, se entrecortando e criando novas esferas públicas e novas possibilidades para a democracia deliberativa.

Em vez de descartar a concepção de esfera pública, Dahlberg propõe a sua “re”-radicalização⁴ pela superação das leituras racionalistas, de consenso. A proposta de Dahlberg é se estudar a participação política online a partir da teoria do discurso pós-marxista⁵ para se avaliar questões como: até que ponto os discursos marginalizados offline estão sendo favorecidos online, até que ponto esses discursos estão sendo re-marginalizados, quão efetivos estão sendo os contradiscursos em desafiar e alterar os termos do discurso dominante e se o ciberativismo estaria levando à desestabilização das fronteiras do discurso dominante. O estudo do poder do discurso e das práticas políticas das “margens” na Internet é fundamental, para o autor, para o desenvolvimento de uma concepção de esfera pública a serviço da democracia radical.

O discurso na teoria pós-marxista é definido por Dahlberg (2007, p. 835) como “sistemas de significado contingentes socialmente, que formam as identidades de sujeitos e objetos. Os discursos estruturam horizontes de significados, moldando o entendimento e a prática humana, incluindo o argumento em contextos deliberativos (delimitando quem diz o que, quando e como)”. É assim que Dahlberg observa que é parte lógica do discurso a sempre existente relação de inclusão e exclusão, mesmo no discurso democrático. Os significados, as práticas, identidades, relações sociais é o que demarcam as fronteiras do que fica “dentro” e “fora” do discurso, ou seja, o processo sempre envolve uma luta pela dominação, pela hegemonia de posições.

Dahlberg sugere que a análise entre discursos dominantes e subordinados (marginalizados, silenciados, “extremos”) na Internet é o que pode contribuir para o entendimento de poder e exclusão na comunicação política online e, como consequência, as formas de organização política que a esfera pública virtual vem engendrando. Como condições para a expansão da contestação do discurso, Dahlberg (2007, p. 836), identifica:

1º) A existência de espaços vibrantes e múltiplos de discurso deliberativo (contestação intradiscursiva) fora do discurso dominante;

2º) A existência da contestação interdiscursiva (especialmente do discurso dominante) levando à aberturas e movimentos no discurso.

Pela lógica da exclusão [...] os contradiscursos emergem em resposta às exclusões dentro dos discursos dominantes. O contradiscurso é constituído pela circulação, deliberação e articulação de questões, identidades, posições, etc., que foram excluídos dos, e por isso estão

⁴ A concepção de esfera pública de Habermas já é considerada uma idealização radical.

⁵ Dahlberg (2007) faz uma combinação das tradições teóricas críticas da Escola de Frankfurt e de Gramsci e o pós-estruturalismo.

em oposição aos, discursos dominantes. Os contradiscursos (com arenas, meios, espaços, textos associados, etc.) são lugares seguros para a exploração e promoção de vozes marginalizadas (posições e identidades “extremas”) antes do engajamento explícito e desafios aos discursos dominantes em arenas comunicativas de maior visibilidade (DAHLBERG, 2007, p. 837).

Esses “lugares seguros”, portanto, não devem ser vistos como regressão em termos de democracia, mas como espaços de circulação do contradiscurso, de construção de visões alternativas de vida e de preparação pré-política para formas mais evidentes de contestação como a publicidade, o protesto, o ativismo. Esses territórios, assim, podem ser entendidos como espaços potenciais para o exercício da democracia deliberativa, como espaços de participação e discussão política, desde que suas conseqüências levem num segundo momento à articulações e à contestação efetiva da dominância.

É assim que Dahlberg propõe um novo foco para a pesquisa sobre a esfera pública e a participação política na Internet, adotando uma concepção de democracia deliberativa mais apropriada para se pensar essas novas formas de vida política na comunicação contemporânea, especialmente a Internet.

Pensar nesses termos contestatórios discursivos muda a concepção de esfera pública em direção a um entendimento democrático radical, que expande o espaço para a efetiva participação na política de vozes diferentes e marginais, ao mesmo tempo em que explica o poder e a intersubjetividade. Essa conceitualização radical fornece uma base mais forte não apenas para explorar a democracia online, mas para a pesquisa em esfera pública e a teorização em geral, movendo a teoria e a pesquisa para além das questões do modelo de consenso racionalista-liberal (DAHLBERG, 2007, p. 837).

O modelo proposto abandona a noção de busca de consenso sugerida no debate da fragmentação da comunicação online como forma de superar a polarização de visões “extremas” através da interação e deliberação racional entre os que “pensam diferente”. O consenso, no modelo adaptado proposto por Dahlberg, cede lugar à noção de contestação como central para a expansão da esfera pública.

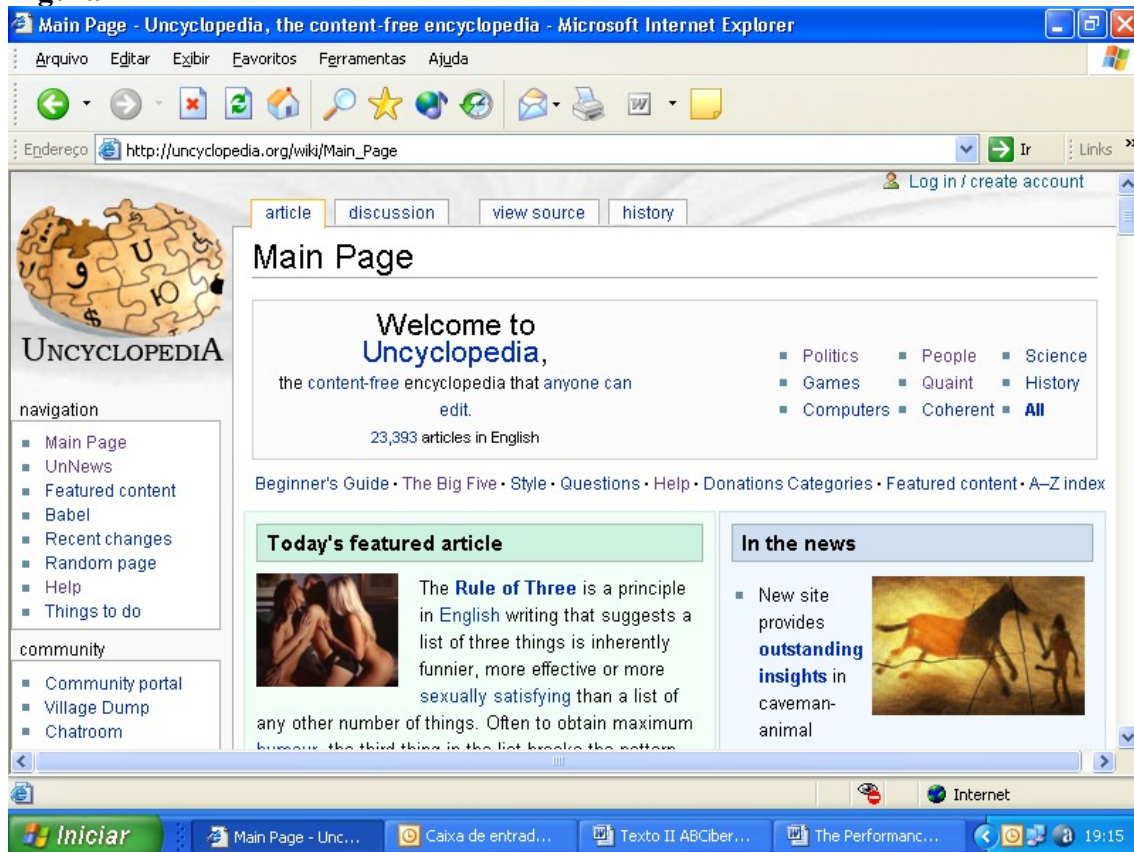
4. A contestação interdiscursiva da Desciclopédia

O modelo revisado de esfera pública radical nos leva a deslocar o problema de pesquisa sobre a quantidade pura de deliberação entre indivíduos que “pensam diferente” para questões do tipo até que a Internet está facilitando o desenvolvimento e a expansão de contradiscursos e a contestação entre discursos. Há uma gama de métodos ciberativistas e “hacktivistas” sendo usados para a contestação interdiscursiva que nos permite olhar e buscar compreender empiricamente como o discurso excluído vem sendo trazido à atenção na esfera pública dominante nos ambientes online.

O objeto de análise empírica tomado neste trabalho foi o site Desciclopédia, versão em língua portuguesa do projeto Uncyclopedia, paródia da enciclopédia online Wikipedia. O projeto original Uncyclopedia, que se intitula “A enciclopédia livre de conteúdo”, foi lançado em língua inglesa em janeiro de 2005 com artigos baseados em

temáticas cômicas, variando da sátira política à paródia de artigos da Wikipedia. O projeto, que utiliza o software wiki de escrita e edição coletiva online, existe hoje em 57 países com quase 100.000 páginas de conteúdo. O seu logo é uma batata oca, chamada Sofia, que é uma imitação do globo que é o logo da Wikipedia.

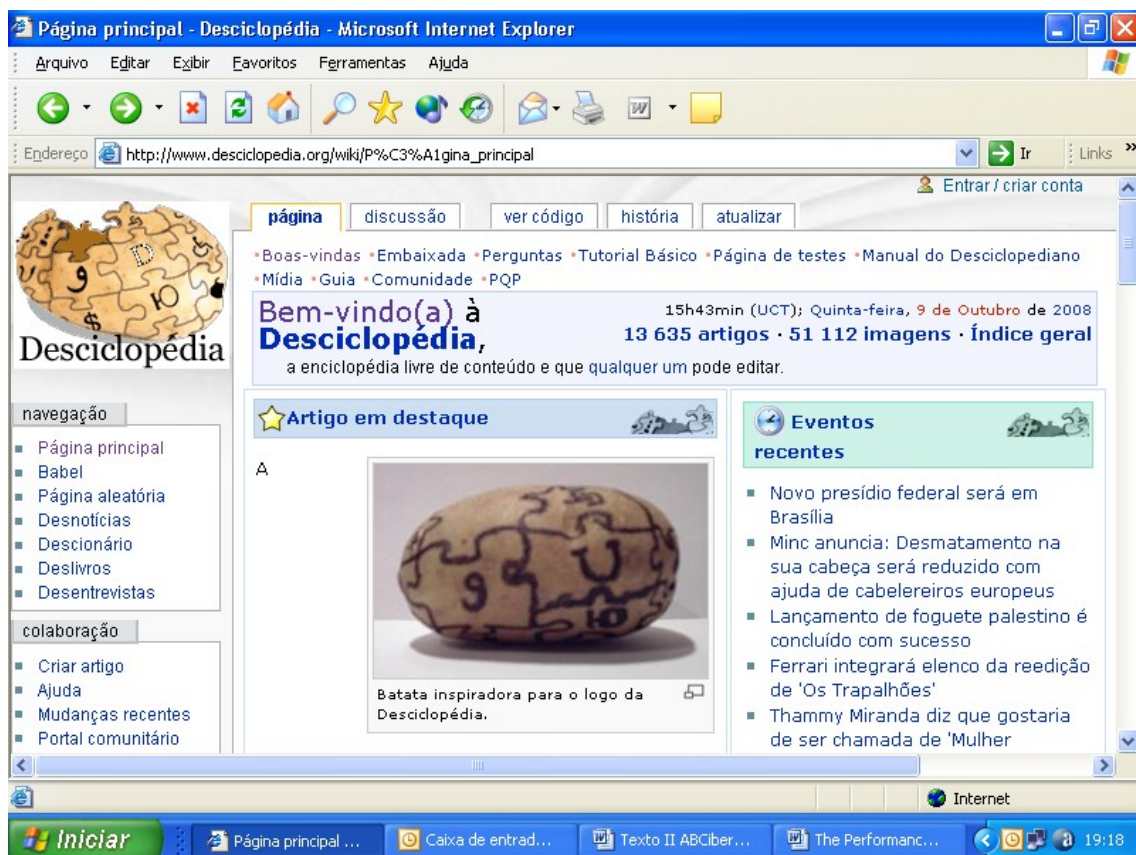
Figura 1



A idéia de lançar a Uncyclopedia foi do wikipedista americano Jonathan Huan, estudante universitário, após ver que muitas piadas e páginas de asneiras eram deletadas da Wikipedia porque, mesmo que engraçadas, eram consideradas não apropriadas para a inclusão na enciclopédia. Foi assim que Jonathan decidiu fazer uma wiki com esse tipo de conteúdo como um projeto independente. A popularidade do site cresceu rápido e em junho de 2006 a Wikia comprou o domínio e a marca registrada da Uncyclopedia. A Wikia é uma empresa com fins lucrativos de propriedade de Jimmy Wales, dono da Wikimedia Foundation e de seus projetos, entre eles a Wikipedia.

No Brasil, a Desciclopédia foi lançada em 2006 e hoje é a segunda na lista das 57 em número de artigos, só perdendo para a Uncyclopedia em língua inglesa que tem 23.393 artigos. No início de outubro de 2008, a Desciclopédia tinha 13.635 artigos e 51.112 imagens. Apesar da aparente falta de seriedade geral, o projeto conta com um tutorial básico para os recém-chegados e um manual do desciclopediano, com 10 mandamentos que ensinam, entre outras recomendações a “como ser engraçado e não apenas idiota”.

Figura 2



Cada artigo, da mesma forma como acontece na Wikipedia, tem uma página referencial de discussão onde os desciclopedianos discutem como melhorar os artigos e fotos para que fiquem mais engraçados. Esse espaço também é utilizado para avaliação, crítica e argumentação sobre o conteúdo dos artigos, especialmente os de caráter político, quanto tendem ao proselitismo político ou opinião panfletária. Uma forma de atrair participantes é mostrar que em vez de tentar vandalizar a Wikipedia e ser banido da comunidade, o melhor é editar e publicar artigos cômicos nas versões da Uncyclopedia e compartilhar com os outros sem o risco de ser expulso.

A ilustração 1, auto-explicativa, demonstra os propósitos opostos dos dois projetos de escrita coletiva online:

Ilustração 1



Os “cinco pilares” da Wikipedia⁶ também são parodiados nos “cinco alicates” da Desciclopédia. Esses “alicates” resumem a política e as recomendações gerais do site, basicamente adaptados da versão da Uncyclopedia inglesa.

- 1- A **Desciclopédia é uma anti-enciclopédia** incorporando elementos de enciclopédias gerais, especializadas, e almanaques e geralmente as virando de cabeça para baixo. A Desciclopédia não é uma mera coleção de *scripts* do seu favorito *sitcom*, nem tribuna, jornal ou provedor de hospedagem livre ou espaço na web, artigo de vaidade ou coleção de memória, experimento em anarquia ou democracia, nem um agrupamento de *links*.
- 2- A **Desciclopédia usa o “ponto de vista satírico”**: escreva de um ponto de vista satírico, inteligente. Um senso de proporção ajuda bastante nisso, especialmente sobre tópicos controversos, e faz um artigo muito mais engraçado. Quando um conflito surge em relação a qual versão é a mais engraçada, seja simpático; chegue a uma solução com os seus oponentes nas páginas de discussão e evite ataques pessoais.
- 3- A **Desciclopédia tem o seu conteúdo livre**: é licenciada sob o *Creative Commons* pela licença BY-NC-AS e pode ser livremente distribuída e linkada. Reconheça que esses artigos são propriedades da comunidade maior e não de uma simples pessoa ou grupo de forma que qualquer escrita que você contribui pode ser editada e redistribuída à vontade para toda a comunidade. Em função de muito de sua paródia, a Desciclopédia não é tão restritiva sobre direitos autorais como a Wikipedia, mas reconheça quando você roubou usando o *template* `{{spork}}`⁷, por exemplo.
- 4- **Seja civilizado e construtivo**: Respeite os seus colegas desciclopedianos. Evite fazer ataques pessoais, mas grandes generalizações são encorajadas contanto que você irrite a todos. Seja responsável quando a edição fica

⁶ 1) Wikipedia é uma enciclopédia; 2) Wikipedia tem um ponto de vista neutro; 3) Wikipedia tem o seu conteúdo livre; 4) Wikipedia tem um código de conduta; 5) Wikipedia não tem regras fixas.

⁷ *Spork* é combinação das palavras inglesas *spoon* (colher) e *fork* (garfo) e funciona, na Internet, como uma metáfora para dizer que alguém espetou alguém com um *spork*, mas de uma forma inofensiva.

quente. Não utilize *sock puppets*⁸, e se você ainda é um usuário de IP, crie um *login*. Seja descolado, coração duro, e antes de tudo, seja engraçado.

- 5- **Elogie Sofia**, além das quatro regras gerais elucidadas acima. Nós somos razoavelmente livres e fáceis aqui, mas a Patrulha do Humor pode ser cruel. Se a sua página for deletada, descubra o porquê e certifique-se que a sua próxima página seja engraçada. Se você for banido, não faça novamente; se for um erro honesto você pode tentar contactar pessoas como os administradores via a lista de e-mails, embora eles se reservem o direito de dizer a você para ir embora se você tiver sido um safado. Se tudo o mais não der certo, há outras coisas que você deveria estar fazendo em vez de visitar a Desciclopédia.

A página criada na Desciclopédia sobre o presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva, eleita pelos desciclopedianos como uma das 86 páginas mais criativas e cômicas, foi tomada como recorte para analisar como funcionam as práticas de humor político e do contradiscurso no site. Embora existam sátiras contra políticos em todas as versões da Uncyclopedia, a decisão de escolher para análise uma página de um político que ocupa um cargo de referência no Brasil está relacionada ao fato de que o que as pessoas acham engraçado tem relação direta com o ambiente pessoal, sociocultural, diacrônico, geográfico e lingüístico. O humor é sempre entalhado no conhecimento compartilhado, nos códigos compartilhados e nas significâncias sociais compartilhadas os quais fornecem os seus significados e apropriações.

Bauman & Briggs (1990, p. 73) avaliam que o humor é uma situação de performance que não pode ser separada do grupo em que os indivíduos participam. É uma forma astuciosa de falar que estabelece ou representa um quadro interpretativo dentro do ato de fala que deve ser entendido. A performance coloca o ato de fala em exibição – objetiva-o, eleva-o a um grau de situação interacional e o abre ao escrutínio da audiência. A performance licencia a audiência a avaliar a habilidade e a eficácia da realização do performer. Essas performances humorísticas carregam significados que “somente são discerníveis em situações de performance em relação aos que contam a história, às audiências, ao ambiente e às interações” (ORING, 1992, p. 31).

Ao contrário do discurso textual compenetrado e sério e das fotos oficiais da página de Lula na Wikipédia Lusófona (voltada para a escrita e edição dos internautas dos oito países que falam a língua portuguesa), a página de Lula na Desciclopédia é marcada pela irreverência. As fotos, algumas delas claramente montadas, e o discurso satírico ridicularizam desde a pronúncia de algumas palavras pelo presidente (por trocar o “s” ou “z” por “f”), passando pelos erros gramaticais e ortográficos, até a sua formação acadêmica e experiência profissional.

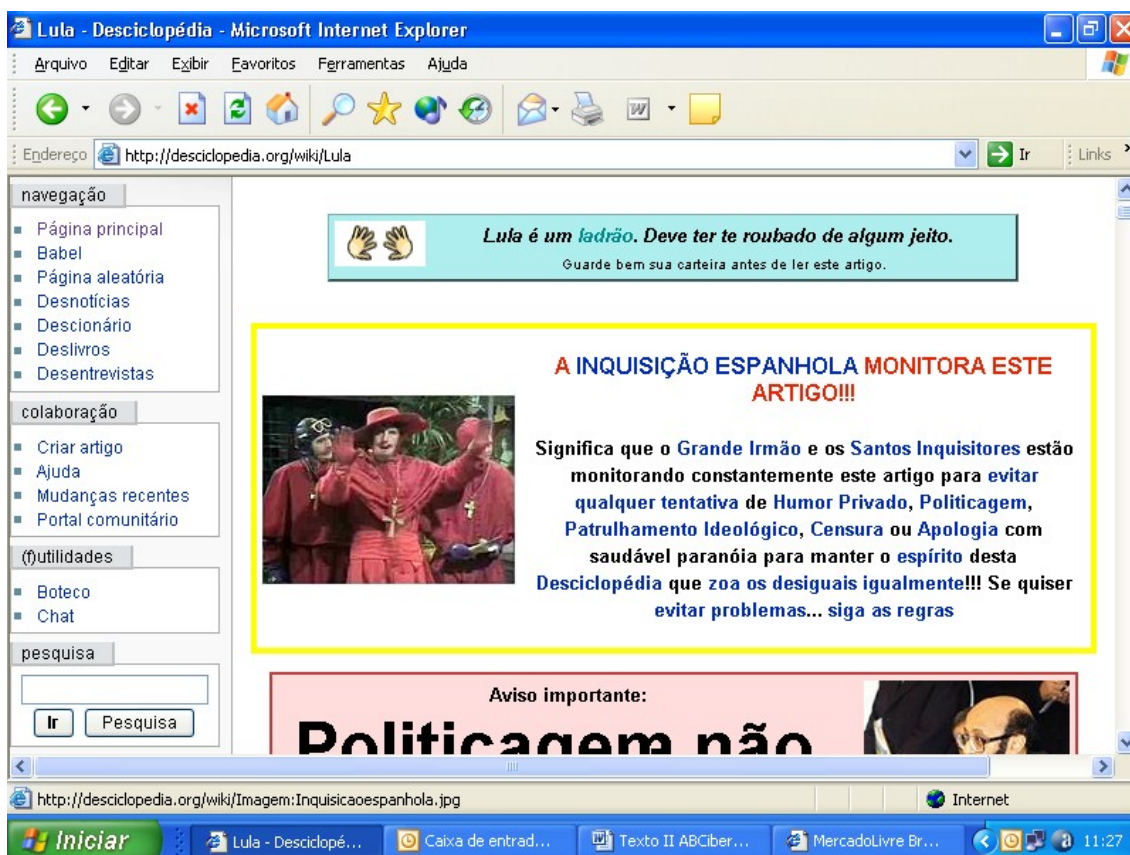
Um rápido olhar no início das páginas do presidente na Wikipédia e na Desciclopédia dá a medida do discurso, que poderíamos chamar de dominante na enciclopédia e o seu oposto, o discurso subordinado e a contestação interdiscursiva dos marginalizados, silenciados ou “extremos”, nas palavras de Dahlberg (2007), na Desciclopédia.

Figura 3

⁸ Sock puppets são contas falsas abertas pelos internautas para esconder a sua identidade real.



Figura 4



A página central de Lula na Wikipédia Lusófona, como pode ser visto pela ilustração, é permanentemente bloqueada para a edição pelos wikipedistas não-registrados, devido aos inúmeros vandalismos praticados. Na Desciclopédia, a página

não é bloqueada, mas é constantemente monitorada pelo “Grande Irmão” (Big Brother) ou “Santos Inquisidores”, que nada mais são do que os administradores do site. Como na Wikipedia, os administradores são mais que simples editores registrados, eles têm posição de liderança dentro do projeto e possuem acesso a ferramentas especiais de software para a manutenção do site, eliminação e bloqueio de páginas, bloqueio e desbloqueio de usuários e reversão de edições.

Em função da extensão da página de Lula na Desciclopédia e da variedade de fotos e ilustrações, apenas uma amostra de como funciona o humor político na página é demonstrada neste paper, especialmente por limitações de espaço. Um dos 18 tópicos da vida e carreira política de Lula trata do seu Curriculum Vitae, como se tivesse sido elaborado por ele próprio.

Figura 5

CURRICULUM VITAE
www.kibeloco.com.br

Luiz Inácio Lula da Silva
Endereço: Praça dos Três Poderes, s/nº
Palácio do Planalto - Brasília, DF.
cep: 70100-000
Telefone: (61) 211-1221 | e-mail: presidente@planalto.gov.br

Dados Pessoais
Data de Nascimento: 27 de outubro de 1945 (59 anos).
Natural de: Garanhuns (PE).
Estado civil: casado.

Formação Acadêmica
Pós-Graduação: não poçuo.
Graduação: não poçuo de novo.
2º grau: não poçuo.
Ginásio: incompreto.
Primário: esse eu poçuo.

Experiência Profissional
1957: Engraxate.
1959: "Office-boy" (Armazéns Gerais Columbia).
1962: Metalúrgico (Metalúrgica Aliança).
1966: Metalúrgico (Indústrias Villares).
1969: Suplente do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1972: Secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1975: Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de S. Bernardo do Campo.
1986 a 1987: Deputado Federal.
1989 a 2002: Desempregado.
2003: Presidente da República.

Informações Adicionais
Cursos e Seminários: Torneiro Mecânico (SENAI)
Português: fruenta.
Inglês: "Me not anderstend much. Tu xisburguer preaze!"
Noções de Informática: "Quando perdi meu dedo eu fiquei computador, serve?"
Hobby: "Tomar uns trago de quando em vez."

Luiz Inácio
Luiz Inácio Lula da Silva

O humor, ao longo de todo o currículo é marcado pelas informações errôneas, não-confiáveis e satíricas, que podem ser facilmente entendidas e consideradas engraçadas por todos os brasileiros que conhecem um mínimo da vida do sindicalista que se tornou presidente. No currículo, Lula demonstra o pobre conhecimento da língua portuguesa, a insuficiente formação acadêmica, o desconhecimento da língua inglesa, a ignorância com as novas tecnologias da informação e a queda para as bebidas alcoólicas. Nem mesmo o seu nome é assinado corretamente.

No tópico sobre “Frases Famosas (ou, pelo menos, tentativas de frafe)”⁹, os desciclopedianos publicam uma suposta carta de Lula, antes de se tornar presidente. O site diz que a carta foi enviada à Shell, nos anos de 1980, e afirma que o fato é verdadeiro e o conteúdo foi obtido pelo Serviço de Atendimento ao Consumidor da Shell.

"Olá!Tenho um Corcel II 1986 a álcool e sou cliente dos posto Shell. Não abasteço em nenhum otro posto há mais de 5 ano. Tô escrevendo porque tô com uma dúvida na qual acho que vocês são os mais indicado a me ajuda. A questã é que tô progamando uma viage para domingo dia 27/10. Nesse dia será realizado o 2º turno das eleição e mais uma vez vai tê a proibição de venda de álco da meia noite até a meia noite de domingo. A chamada lei seca. Mas o trajeto que pretendo percorre no domingo é muito maior do que cabe de alco no tanque do meu carro, logo, já que não vai tê venda de álcool, vô te que carrega em alguma vasilha o resto que segundo meus cálculo, é um tanque e meio, quase 100 litro. Gostaria de sabe qual a vasilha mais segura pra transporta o alco ou se tem alguma outra solução pro meu pobrema. Pensei em talvez abastece com gasolina, já que a proibição de venda é só de álco, pelo que eu vi. Caso a solução seja mesmo a de transporta o combustíve a sê usado, gostaria de sabe se algum posto de vocês na região da Grande ABC poderia fazê um desconto, já que eu estaria comprando mais de 150 litro de álco no sábado.> Conto com a ajuda de vocês.
Assinado: Luis Inacio da Silva Torneiro Mecânico São Bernardo do Campo/SP"

Resposta da SHELL:

Prezado Sr. Luis Inácio da Silva. Em retorno à sua carta, gostaríamos de esclarecer que a lei a que o senhor se refere, proíbe apenas a venda de bebidas alcoólicas nos dias de eleições e não a de combustíveis automotores.
Shell Brasil S.A. Petróleo

A Desciclopédia também usa e abusa do que os desciclopedianos chamam de “Lulanês”, que seria um dialeto da língua portuguesa usado pelo presidente e pelos petistas do ABC paulista. Uma das páginas de redirecionamento do site¹⁰ explica que a característica básica desse dialeto pressupõe que o falante deva ter fimose-lingual, o que leva seus falantes a assoprarem enquanto pronunciam os seus característicos sons de "effe" em vez de "efe" e "vê" em vez de "vê". A página também mostra que expressões e chavões como "dar um cheiro", "bala na agulha", "nego pisa na canela", "café no bule" e "colher de chá" são bastante comuns no Lulanês, assim como locuções latinas, como "sine qua non", "pari passu" e "sui generis", e um vocabulário específico no qual busca uma sintonia com os presentes, como "bagrinho", "cascudo", "cavoucar", "desgramado", "véio", "véia", "jumbão", "léguas", "matutando", "taco" e "urucubaca".

Numa entrevista supostamente concedida ao site, Lula responde as perguntas usando o “lulanês” como de praxe. Abaixo a entrevista é parcialmente reproduzida em seus principais trechos:

“Desciclopédia: Lula, por que o senhor não comprou um diploma da Estácio de Sá para acabar com um dos principais argumentos de seus inimigos?

Lula: Realmente ifo teria poupado muitaf agrefõef, maf não revolveria nada. Tenho orgulho de não ter diploma e não vai fer ifo que vai me impedir de fer previdente e refeber homenagenf de infituiifõef educaçionaif como o Fernando Henrique. O Infituto Univerfal Bravileiro, maior formador de profifionaif por correpondênfia do Bravil, já

⁹ <http://desciclopedia.org/wiki/Lula>

¹⁰ <http://desciclopedia.org/wiki/Lulan%C3%AAs>

fe ofereceu para me homenagear, inclusive com o título de Doutor Honorif Cauva em filk-fscreen e eletrônica de TV, ou seja, eu estou convencido de que mais vale um diploma da vida na mão, do que dois diplomas de doutor voando, e um burro carregado de livros é doutor.

Desciclopédia: Alguns membros do PT andaram dizendo em conversas informais que o senhor, por não ter estudo nem experiência administrativa, não iria governar o país de fato e que, como a tarefa caberia aos líderes do partido, seu cargo na verdade seria o de "Presidente de Honra da República". O senhor acha que isso é apenas brincadeira de seus colegas de partido ou se sente ofendido com as declarações?

Lula: Não me ofendo em nada. Eu estou convencido de que depois de quatro tentativas estou topando qualquer coisa. Antes presidente de honra do que tetra-vife-campeão, ou seja, fergonha é roubar e não conseguir carregar.

Desciclopédia: É verdade que o senhor, quando eleito, não contará com apenas um porta-voz, mas uma grande equipe de porta-vozes para substituí-lo em todos os pronunciamentos à nação, como forma de evitar o desgaste de sua imagem com uma maior exposição de seus erros de português?

Lula: Isso é mentira. Faço questão de continuar me comunicando diretamente com o povo da mesma maneira de sempre. Pretendo inclusive contratar intérpretes de língua estrangeira que também sejam nativos analfabetos, como minha querida mãe, para que meus discursos em eventos internacionais sejam traduzidos fielmente. E além do mais eu estou convencido de que em time que está ganhando não se mexe.

Desciclopédia: Os cientistas políticos afirmam que os Estados Unidos devem tentar exercer uma maior influência no Brasil, pois nosso país seria o único a contar com um governante que o presidente George Bush consideraria inferior intelectualmente. O senhor está preparado para lidar com o governo americano?

Lula: Quero que fique claro que não sou mais burro do que o Bush. Eu estou convencido de que a única vantagem é que ele consegue fazer coisas até 10 (dez) e eu consigo fazer operações matemáticas até nove, mas isso não é um problema depois que inventaram a máquina de calcular, ou seja, quem não tem cão caça com gato mesmo”.

As fotos e ilustrações, originais e montadas, publicadas no site complementam o humor político contra o presidente brasileiro e fazem uso de legendas que contextualizam em estilo irônico e às vezes mordaz a vida política de Lula e as suas supostas gafes nas duas passagens pela Presidência da República. Algumas das fotos com legendas são mostradas abaixo considerando que elas integram o ambiente do contradiscurso político, baseado no humor e na paródia, representado pelos desciclopedianos.



Lula,
trabalhando
seriamente...

A situação tá bravaaaa!



Me fá uma forfa pof favor
companheiro



Lula assistindo o desfile de 7 de
setembro com sua patroa em Brasília



Nas próximas eleições, Luís Inácio Advanced Edition, original da impressora da vizinha do nosso operário "maif favorito de todof".



Lula com cara de choro depois de perder a CPMF



Lula criou a nova nota de 51 reais, para poder aumentar o bolsa família em um real, essencial para mais uma dose.

5. Arremates finais

Este trabalho discutiu algumas das questões centrais envolvendo a participação política na Internet a partir da leitura do modelo deliberativo de democracia que adota a participação política como discussão política entre cidadãos que “pensam igual” e que “pensam diferente” como importantes manifestações de pluralidade democrática.

Uma análise da proposta feita por Dalhberg (2007) sobre a concepção de esfera pública radical foi feita para demonstrar que esse pode ser um caminho para a reorientação de pesquisas empíricas sobre como a esfera pública na Internet vem se configurando pelos agentes sociais lançando mão das mais diferentes táticas discursivas e vem sendo construída como um espaço de exercício pré-político e de maturação para novas formas de manifestação de cidadania.

Como assinalou Maia (2007, p. 55):

A comunicação mediada por computador pode ser utilizada por indivíduos e grupos com metas e funções democráticas e antidemocráticas. De tal sorte, é fundamental fazer distinções entre a diversidade de metas e de modos de organização das agregações, a partir de diferentes tipos de funções democráticas que as associações podem desempenhar, levando em conta, também, o contexto sócio-histórico.

O humor político ainda tem sido pouco explorado na pesquisa sobre a Comunicação Mediada por Computador (CMC). Uma análise do micro-contexto da Desciclopédia, como paródia da enciclopédia online Wikipédia, foi tomado como um ponto de partida para futuros trabalhos que privilegiem a empiria na abordagem da contestação interdiscursiva capaz de oferecer uma compreensão maior sobre as novas modalidades de participação e discussão política que surgem online.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, R., & BRIGGS, C. L. **Poetics and performance as critical perspectives on language and social life**. Annual Review of Anthropology, 1990, v. 19, 59-88.
- DAHLBERG, L. **Rethinking the fragmentation of the cyberpublic**: from consensus to contestation. New media & society. V. 9(5), 2007, p. 827-847.
- DAHLBERG, L. **Democracy via cyberspace**. New media & society. V. 3(2), 2001, p. 157-177.
- DESCICLOPÉDIA. <http://www.desciclopedia.org>. Acesso em 9 outubro 2008.
- GOMES, W. S. **Internet e participação política em sociedades democráticas**. Revista Famecos. V. 27, 2005, p. 58-78.
- HABERMAS, J. **The structural transformation of the public sphere**: Na inquiry into a category of a bourgeois society. Cambridge, MA: MIT Press, 1962.
- MAIA, R. C. M. **Redes cívicas e internet**: efeitos democráticos do associativismo. Logos, Mídia e democracia. 2007, 14, p. 45-61.
- ORING, E. **Jokes and their relations**. Lexington: University Press of Kentucky, 1992.
- TEORELL, Jan. **Political participation and three theories of democracy**: a research inventory and agenda. European Journal of Political Research. V. 45, 2006, p. 787-810.
- UNCYCLOPEDIA: Five pliers. http://uncyclopedia.org/wiki/Uncyclopedia:Five_pliers. Acesso 9 outubro 2008.